

Thaís Rocha

Universidade Federal de Mato Grosso

Territórios subjetivos nas derivas de Lygia Clark: reflexões sobre as fronteiras na estética relacional

O trabalho tem como intenção estabelecer uma reflexão através de parte da trajetória artística de Lygia Clark, reconhecendo suas proposições como experimentos precursores da noção de estética relacional, conceito delineado pelo crítico e curador de arte Nicolas Bourriaud. Após a proposição Caminhando (1963), Clark elaborou conceitos e experiências compartilhadas entre participantes de uma prática artística processual, que conduziram uma nova lógica em sua produção artística. Naquele contexto o corpo passou a ser convocado pela artista para que fosse possível a incorporação da subjetividade do espectador como matéria prima essencial da poética. É nesse sentido que a noção de estética relacional, segundo a psicanalista Suely Rolnik, se destaca como elemento fundamental na produção artística de Lygia Clark, noção compreendida nas proposições de Clark como materialização do que o esquizoanalista Félix Guattari chamou de paradigma protoestético, a arte em estado de criação. Esta contudo, para Guattari, necessita estar livre do sistema codificador da arte institucionalizada, e é por esse motivo que o aspecto fronteiro de parte da produção de Clark, funciona ao mesmo tempo como um tensionamento que desafia o aparelho sensorial e uma ação que tensiona e desafia o aparelho institucional (Sontag). Convocar o corpo a se fragmentar, se reconstituir, na redescoberta de modos de relação consigo e com a alteridade, são alguns dos aspectos que nos convidam a refletir de qual modo esses territórios subjetivos vêm sendo construídos no que hoje chamamos de arte contemporânea.
